Que Nada se Sabe, de Francisco Sanches — Ficha de leitura

12.º Ano | Filosofia | 4 páginas | 12 exercícios

> **Competências que desenvolve:** leitura integral da obra — a exortação inicial, a demonstração pelo não-saber, as duas críticas (sentidos e silogismo), a objeção da autorreferência e o confronto com outra obra do elenco (Aprendizagens Essenciais, Organizador «Trabalho sobre cada uma das obras»).

Revisão rápida — *Que Nada se Sabe*

- **Contexto e forma:** séc. XVI, português de formação médica; tratado com exortação inicial (dirigido a um familiar) — filosofar sem entregar-se à escolástica.
- **Método:** demonstração *pela negação* — não se afirma um saber, mostra-se que os meios de o alcançar não o dão.
- **Crítica dos sentidos:** a mesma temperatura se sente quente ou fria conforme o ponto de contacto — a sensação é relativa, não dá a coisa.
- **Crítica do silogismo:** pressupõe no fim o que pretendia provar — circular; e os que confiam só na experiência não saem da aparência.
- **Tese:** não se sabe o que as coisas *são* — o remate é o não-saber, no gesto socrático: contra todo o dogmatismo recebido.

Exercícios

1. V/F: a) O tratado se dirige a um familiar em exortação filosófica → __ b) A demonstração parte dos sentidos como meio fiável → __ c) O exemplo do meio entre o frio e o quente serve para mostrar a relatividade da sensação → __ d) O silogismo é criticado por circularidade → __

2. Completa: a) o método: demonstrar __ (pela negação) b) o exemplo clássico: o ponto de contacto entre o __ e o __ c) a crítica ao silogismo: pressupõe o que __ d) a tese: __ se sabe o que as coisas são.

3. Liga cada peça à sua crítica (banco: *não dá a coisa · circular · desconhecida · o próprio contrário*): sentidos → __ · silogismo → __ · a essência das coisas → __ · a tese do não-saber → __ (afirmada sem escapatória).

4. Contexto: escreve 2 linhas sobre o autor, a ocasião do texto e a tradição contra a qual ele escreve.

© 2026 Estudantices

5. Reconstrói a demonstração central: P1 (o que os sentidos dão) __ P2 (o que o silogismo faz) __ C: logo não se sabe o que as coisas são.

6. Completa o mapa da obra: demonstração pela __ · crítica dos __ e do __ · a essência das coisas permanece __ · remate: o __ (gesto socrático contra o dogmatismo).

7. Ordena a construção da obra (1–5): __ a demonstração do não-saber · __ a crítica do silogismo · __ a exortação inicial · __ a recusa de qualquer saber garantido · __ a crítica dos sentidos

8. O exemplo do ponto de contacto: a mesma temperatura faz-se sentir quente ou fria conforme de onde vem a mão. a) O que o exemplo mostra: __ b) Consequência para quem diz «só da experiência vem o saber»: __

© 2026 Estudantices

9. Confronto com o elenco: *Que Nada se Sabe* e a *Investigação* de Hume — ambos desconfiam dos dois meios (sentidos e razão), mas onde Hume conserva um lado certo (relações de ideias) e Sanches não concede — comum e divergência decisiva.

10. Erro de leitura: «A tese "nada se sabe" é uma contradição — quem a escreveu sabia.» Responde com o que a obra pretende e com a distinção entre demonstrar um limite e possuir um saber.

11. Produção: inventa um exemplo no formato do ponto de contacto («a mesma X sente-se A ou B, conforme Y») e explica, em 4 linhas, o que ele prova sobre o saber.

12. Esboço de ensaio: «Podemos confiar no que vemos?» — tese com a obra, o argumento dos dois meios, a objeção da autorreferência, a tua resposta e uma aplicação (quando um testemunho vale).

© 2026 Estudantices

Soluções — Que Nada se Sabe, de Francisco Sanches

1. a) V (tratado com dedicatória exortativa a um familiar) b) F (começa por os recusar como meio fiável) c) V d) V.

2. a) pela negação b) frio, quente c) pretendia provar (petitio) d) não.

3. sentidos → não dá a coisa (relatividade) · silogismo → circular · essência → desconhecida · tese → o próprio contrário (afirmada sem escapatória — é o remate).

4. (modelo) Francisco Sanches, português do séc. XVI, médico de formação — escreve contra a escolástica que domina as escolas: nem a lógica de manual nem a experiência mal examinam entregam o que as coisas são; o tratado abre com uma exortação a um familiar para filosofar sem entregar-se à autoridade.

5. P1: os sentidos dão aparências relativas — a mesma coisa se apresenta de maneiras opostas conforme o ponto de contacto · P2: o silogismo pressupõe no fim o que pretendia provar — não acrescenta conhecimento do real · C: logo não se sabe o que as coisas são — nenhum dos dois meios o dá.

6. negação · sentidos, silogismo · desconhecida (ou: fica por saber) · não-saber.

7. ordem: 1 exortação inicial · 2 crítica dos sentidos · 3 crítica do silogismo · 4 demonstração do não-saber · 5 recusa de qualquer saber garantido.

8. a) que a sensação não é o que a coisa é: varia com as condições do contacto — logo, do relativo não se infere o absoluto b) se a experiência já nem dá a sensação estável, dela não sai a essência; «só da experiência» não salva o dogmatismo — é mais um meio que se examina e falha.

9. Partilham: ambos interrogam os dois meios do saber — sentidos e razão — e recusam o dogmatismo. Divergem: Hume *divide* o terreno — as relações de ideias ficam certas, as questões de facto ficam prováveis; Sanches não concede o lado certo: a essência das coisas permanece por saber em qualquer dos meios. A diferença é entre um ceticismo com zonas de certeza e um que não as reconhece.

10. A contradição só aparece se «demonstrar que os meios falham» for contado como «possuir um saber». A obra não afirma um positivo — mostra que sentidos e silogismo não alcançam a coisa: é uma tese sobre o limite, não um saber em concorrência. (O gesto é socrático: não-saber que se sustenta sem se transformar em doutrina.)

11. (modelo) «A mesma luz parece forte à sombra e ténue ao sol, conforme o contraste em que a olhamos» — se a aparência varia com as condições, não é propriedade da coisa mas do encontro. Prova o mesmo que o ponto de contacto: a experiência dá relações, não a essência — e é por aí que o saber, se existe, não começa nos sentidos.

12. (modelo) Tese: podemos confiar no que vemos até onde a experiência examinada aguenta — não na essência. Argumento: os dois meios — sentidos relativos, silogismo circular. Objeção da autorreferência: quem escreve também sabe. Resposta: demonstrar o limite não é possuir o positivo — é recusar a garantia. Aplicação: um testemunho vale não porque «viu», mas porque é examinável — circunstâncias, coerência, outras fontes: a dúvida de Sanches converte-se em método de verificação.

© 2026 Estudantices